

ANALISANDO 88*

Jorge Forbes

Agradeço aos colegas do *Simpósio do Campo Freudiano* de Belo Horizonte e da Universidade Federal de Minas Gerais, pelo convite e oportunidade de participar deste Colóquio de Psicanálise e Cultura.

Os organizadores: um, o *Simpósio* – uma instituição de psicanálise – outro, a UFMG – uma instituição de cultura – me fazem pensar se seus próprios nomes não se superpõem em metáfora, conforme a orientação que Jacques-Alain Miller tão precisamente imprimiu, na noite de ontem, aos campos que o tema desse colóquio nos convida a confrontar – Psicanálise e Cultura.

Sendo assim, sintetizo aqui algumas reflexões que trago a debate sob um título: “Analisando 88”.

O que quer o analisando 88? – Ora, o analisando 88 quer atravessar o fantasma.

* Trabalho apresentado no Simpósio do Campo Freudiano, 1988.
Capítulos de Psicanálise, Biblioteca Freudiana Brasileira, 1988.

Que haja quem nesse auditório não entenda essa expressão: “atravessar o fantasma”, não tem a menor importância nesse momento, pois, quando um conceito analítico se transforma em *gadget*, passa a ser um bem idealizado e seu valor já é muito distinto daquele que teve na forja onde foi cunhado.

Surgem as perguntas: estou perto da travessia? Já atravessei? E ainda: estou atravessando – fulano lá sabe fazer uma boa travessia – convenhamos que tudo isso está mais para Milton Nascimento que para Jacques Lacan.

Atravessar o fantasma, analisando 88, pode se transformar em mais um dos bens a serem conquistados que vêm se acrescentar à longa lista elaborada nesses nove decênios de psicanálise, tais como: alcançar a harmonia conjugal; ser um bom trabalhador; respeitar o outro e se respeitar; controlar bem suas emoções; tantos mais, e agora; atravessar o fantasma.

Poderíamos dizer que essa extensa lista que muda sempre em expressões, mas não em estrutura, perfaz o que Lacan, no Seminário da Ética, à pág. 350 (edição original), trabalha como sendo os confortos dos serviços dos bens.

Ouçamo-lo:

“Quando se articulou, na linha certa da experiência freudiana, a dialética da demanda, da necessidade e do desejo, será razoável reduzir o sucesso da psicanálise a uma posição de conforto individual, ligada a essa função certamente

assegurada e legítima – que podemos chamar de serviço dos bens? – bens particulares, bens da família, bens domésticos, outros bens que também nos solicitam: bens do ofício, da profissão, da cidade”.

Algumas linhas após, faz um alerta: “Dar garantia pessoal de que o sujeito poderá de alguma maneira encontrar seu próprio bem, mesmo na análise, é uma forma de escroqueria. Não há razão alguma para sermos fiadores dos sonhos burgueses”.

O termo empregado é muito forte: escroqueria – nos ressoa com a força do xingamento: “escroque!”

Lacan, então, põe a questão: “o término da análise, da verdadeira, – refiro-me àquela que prepara o candidato a ser analista – não deve, em seu final, fazer confrontar quem se submeteu a ela, à realidade da condição humana? É exatamente isso que Freud, falando da angústia, designou como o fundo onde aparece o seu sinal, a saber, a *Hilflosigkeit*, o desamparo, onde o homem, nessa relação a si mesmo que é sua própria morte – mas no sentido em que este ano vos ensinei a desdobrá-la – não espera mais ajuda de ninguém.

Ao termo da análise didática, o sujeito deve alcançar e conhecer o campo e o nível do desarvoramento absoluto...”

Paro nesse termo: desarvoramento. Ele nos convida a pensar em perda de raízes, de garantia; – num abandono, como refere Lacan; num abandono de uma garantia, acrescentaria eu.

A questão está posta; – vou agora até a fenomenologia da clínica.

Aquele que nos procura, sofre. – Algo muito habitual, desde os primeiros momentos das entrevistas preliminares, é que esse sofrimento seja datado – Eu estava bem, até que (x) me ocorreu.

Aquele que sofre tem a certeza de que, se não está bem, isso é devido, é causado, por um elemento de circunstância que o desequilibra.

É função da análise demonstrar o Real, ou seja: a interpretação analítica põe uma diferença nessa ordem implicadora de causalidade.

Ao fazê-lo, quando o sujeito constata que algo em seu sistema explicativo fica de fora, fica sem explicação; mais que depressa, falando, novamente se põe ao trabalho, tentando englobar e garantir no seu sistema o novo que surge e faz questão a esse sistema, pretensamente sem furo; “só com defeito”, pensa ele.

Prosseguindo nessa marcha, o que se constata em uma análise é que sempre algo fica de fora e a experiência

de sistematizar reitera a impossibilidade de fazê-lo – é o que chamei: demonstrar o Real.

Isso que estou dizendo é muito antigo na história da psicanálise – está quase mesmo já em sua pré-história como, aliás, podemos ver na carta 69 de Freud a Fliess, datada de Viena, 21 de setembro de 1897, quando o inventor diz: “continuamente me desaponto em minhas tentativas de fazer minha análise chegar a uma conclusão real”.

Afasto-me por um pouco dessas referências freudo-lacanianas, referências psicanalíticas, para conversar com a cultura – mais especificamente, com a lógica – por meio de um lógico de nosso tempo: analisando 88.

Perguntei ao professor Lafayette de Moraes, com quem há alguns anos ensaio trabalhos que contam também com a presença do professor Newton da Costa e outros colegas da Biblioteca Freudiana Brasileira, qual a importância de Gödel na cultura – “É que ele, Gödel, extrapolou do âmbito da matemática, para mostrar que se a matemática, mesmo com toda a especificidade dos elementos que trata: ponto, reta, plano, etc. – não consegue se constituir em um campo de conhecimento perfeitamente estruturado – termina com o edifício da ciência como um edifício bem construído e com a garantia dos raciocínios legítimos. Se no âmbito da matemática isso acontece em nosso século – os resultados de Gödel, em apreço, datam de 1931 – o que dizer dos saberes que sobre essa solidez se garantiam?”

Pergunto então: o que fez Gödel? – “de mais notável, ele descobriu que nem toda verdade pode ser deduzida num sistema axiomático.

De fato, verificou que se um sistema tem complexidade, de tal modo que nele possam ser expressos raciocínios da aritmética e da geometria usuais, haverá sempre sentenças verdadeiras que não derivam de qualquer axiomática que utilizemos para expressar a aritmética ou a álgebra.

Frente a sentenças que lhe são referidas sempre tenta uma nova axiomática; ao mudá-la – inclui uma e sobra outra – a continuidade do processo leva a constatar que sempre haverá sentenças que não decorrem da axiomática estabelecida, qualquer que seja ela”.

Essas sentenças receberam um nome: sentenças indecidíveis – por faltarem critérios nos sistemas axiomáticos considerados, para verificarmos se são ou não teoremas.

As sentenças indecidíveis podem ser verdadeiras e, contudo não existe uma cadeia de inferências a partir de sentenças básicas que as tenham como membros.

“Você não pode construir demonstração delas e por isso são indecidíveis – e sem garantia”.

Curioso, penso eu – não poder construir a demonstração delas – não poderia ser isso lido como demonstração do Real, de que antes falávamos?

Mais um ponto sobre Gödel, extraído dessa conversa sobre o seu trabalho: “Sobre as sentenças formalmente indecidíveis do Principia Mathematica e sistemas correlatos”¹ – aonde figura o famoso teorema da incompletude:

“O mais importante a notar, não é só que o conhecimento não é algo sistematizável no momento, mas, sobretudo, que nunca o será. Quanto mais complexo o sistema – mais se constatará a presença da sentença indecidível”.

Assim, chegamos ao ponto deste colóquio – a sentença indecidível.

Sua presença elimina os parâmetros da individualização – a noção de indivíduo permanece, diz Lafayette, mas você não pode falar sobre ele.

Voltemos, para finalizar, voltemos aos nossos pensamentos da fenomenologia da clínica, comparando o visto agora neste diálogo, com o ali expresso: será que não podemos pensar que o mal-estar na cultura exige do sujeito em análise, ao se defrontar com seu abandono, com seu desarvoramento – fim de uma análise, que se decida numa sentença indecidível? – Decisão que o cinde, que o faz sujeito sujeitado a uma verdade que é não toda – pela constatação da incompletude.

¹ Gödel, K. Monatshefte für Mathematik und Physik, 1931, p. 173 – 198.

Termino aqui o levantar dessas questões, citando o último parágrafo do grande texto de Freud – *Futuro de uma ilusão*.

“Não, nossa ciência não é uma ilusão. Ilusão seria imaginar que aquilo que a ciência não pode nos dar, podemos conseguir em outro lugar”.
